

**IMIGRANTES COMO QUAISQUER OUTROS: JORGE DE
SENA, CAMÕES E A AMÉRICA**
**IMMIGRANTS LIKE ANY OTHERS: JORGE DE SENNA,
CAMÕES AND AMERICA**

*André S. D. Corrêa de Sá¹**

RESUMO

Em ano de celebração do centenário do nascimento de Jorge de Sena, muito se tem discutido sobre a influência que os anos passados no Brasil e nos Estados Unidos terão tido na sua obra. Partindo da ideia de que, como em tantas outras dimensões da sua vida literária, a consciência da imigração foi mediada pela leitura de Camões, proponho neste ensaio refletir sobre o nexo que há entre a experiência de viver em terras estrangeiras, o desejo de revolucionar os estudos camonianos e uma ideia de cultura articulada por perspectivas humanistas.

Palavras-chave: Jorge de Sena, Camões, imigração

ABSTRACT

In the centenary of Jorge de Sena, much has been discussed about the influence that the years he spent in Brazil and the United States had on his work. Endorsing the idea that, as in many other dimensions of his literary life, the experience of immigration was mediated by the reading of Camões, this essay consists of a reflection on the nexus that can be drawn between the experience of settling in foreign lands, the willingness to conduct ground-breaking research in Camonian studies, and an idea of culture framed by humanistic perspectives.

Keywords: Jorge de Sena, Camões, immigration

¹ * Doutor em Letras (2013) pelo Departamento de Linguística e Literatura da Universidade de Évora, com uma tese sobre as representações da depressão na ficção de António Lobo Antunes. Atualmente, é Professor Assistente no Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia, Santa Barbara, onde também colabora no Centro de Estudos de Português. Dentre os seus ensaios e publicações, destaca-se a organização da antologia do poeta Rui Costa (1972-2012), *Myke Taison para principiantes* (Assírio & Alvim, 2017).



*Beijo-te meu amor com infinitas saudades. De facto por
muito que me custe deixar tudo isto, isto não te merece,
meu querido Jorge*
Mécia de Sena

*Adaptar-nos-emos. Contigo a meu lado, fora dessa
piolheira irreparável, iremos até ao fim do mundo
(e Assis... é um pouco isso)*
Jorge de Sena

Como se imagina, a pergunta “o que nos faz preferir viver no estrangeiro?” encontra respostas cabais nos testemunhos de emigrantes bem-sucedidos aos *média* nacionais, os quais, solicitados por alguém disposto a ouvi-los, relembram com entusiasmo as suas histórias de vida. Muitas dessas histórias, encadeando passados dolorosos e histórias de superação individual com um modelo de virtude baseado em coragem, podiam perfeitamente dar um filme. Quando se lhes pergunta se têm algum conselho a oferecer a jovens aspirantes a repetir os seus passos, não é invulgar que esses emigrantes deem provimento à ideia de que em Portugal as pessoas “têm de queixar-se menos e fazer mais”. Sentem que os portugueses que ficam em Portugal carecem de foco e ambição para subir algumas posições no *ranking* do sucesso. As páginas que se seguem destinam-se a mostrar que esta predicação encontra um equivalente literário na obra do eminente poeta, ensaísta, ficcionista, dramaturgo, professor, tradutor e intelectual público “português” *que sempre foi* Jorge de Sena do seu posto de atuação à distância, estivesse ele a viver em Portugal, no Brasil ou nos Estados Unidos.

É importante desde já realçar, com traço bem nítido, a palavra “português”, bem como toda a sequência de cenas simbólicas com que tendencialmente a apresentamos aos outros e todo o conjunto de informações contextuais e objetos idiossincráticos com que, por exemplo num putativo Museu da Emigração, resumiríamos a natureza excepcional da nossa situação no mundo. O qualificativo “português”, tanto na obra de Sena como nas histórias dos emigrantes, deverá ser dotado de aspas e afetado de uma cautelosa instabilidade semântica. Afinal de contas, não é invulgar que em ambas se defenda a ideia de que os portugueses trabalham mais e melhor quanto estão no estrangeiro do que em Portugal. De modo quase constrangedor, esta ideia dá-nos razões suficientes para rasurar quaisquer sentidos etnocêntricos liminarmente presentes numa fórmula como “parece que somos mais portugueses fora de Portugal”. Geralmente associada à persistência de hábitos culturais nas comunidades de portugueses residentes no estrangeiro, esta sentença assinala, ainda que por antífrase, um dos axiomas da política cultural alternativa defendida por Jorge de Sena quando punha a cultura portuguesa sob a tutela de Luís de Camões.

No caso deste ensaio, mais sobre os livros de Jorge de Sena do que sobre as histórias dos emigrantes, esta instabilidade semântica, por mais ressonâncias pós-coloniais e culturalistas que evoque, refere-se, em primeiro lugar, à objeção epistemológica e moral que Jorge de Sena apresentou ao modo como sucessivas gerações de lusitanos, plenamente convencidos da

morfologia patriótica de *Os Lusíadas*, atribuíram a Camões o papel principal no velho drama do excepcionalismo português. Na crítica seniana, as questões filológicas e hermenêuticas são inseparáveis de uma tendência para a identificação pessoal com Camões. Basicamente, Sena via-se como seu companheiro numa sociedade especial de intelectuais e artistas europeus que apostava as condições medianas do seu tempo em prol de uma marcha pela justiça. Uma sociedade em que a experiência do amor mediasse a catarse das misérias do mundo. Se Luciana Stegagno Picchio (2001, p. 93) sugeriu em tempos que Sena, ao estilo de Kafka, escolhera Camões como ancestral dileto da sua família poética, no seu importante livro sobre os labores camonistas de Sena, Vítor Aguiar e Silva, acrescentando-lhe um toque melodramático, leva ainda mais longe a natureza da familiaridade que ligava Jorge de Sena a Luís de Camões: “Camões é o Narciso de Sena, a imagem com que este se identifica e na qual transforma os seus sentimentos e agonias, os seus desejos e os seus sonhos” (AGUIAR E SILVA, 2009, p. 73).

Nos estudos de Sena sobre Camões, surgem, portanto, uma série de nexos autobiográficos implícitos a justificar o desdém que arremessam sobre a camonologia institucionalizada do seu tempo, tanto a portuguesa como a brasileira, que tanto tardou a reconhecê-lo como um nome autorizado no seu círculo restrito. Para Sena, encarnar Camões, enquanto princípio metacrítico e fonte de energia criativa, passava por organizar um movimento sistemático de retaliação às congregações de camonistas, levantando a voz sobre a pedra crónica que os afetava. Sentindo que Camões tinha sido trivializado pelas autoridades literárias, Sena achou que era preciso promover uma viragem na maneira de estudá-lo, desconectando-o dos afetos correntes e regenerando as formas de receção da sua obra. No seu entender, a afinidade eletiva em relação a Camões conferia-lhe a responsabilidade de promover, acima de tudo, uma representação do vate como um dos mais brilhantes e piedosos exemplos literários do ideal humanista.

No sentido destrutivo de quem escancara as portas dos museus empoeirados, Sena achou que era urgente desobrigar Camões, de uma vez por todas, do serviço rasteiro a doutrinas celebradas da História Exaltante de Portugal, como a católica ou a colonial, e aprender a responder adequadamente à estrutura intencional de sentido que constitui *Os Lusíadas* como “representação simbólica de uma filosofia da História” (SENA, 1980, p. 82) e, concomitantemente, como “representação concreta de uma visionária compreensão do mundo” (SENA, 1980, p. 175) de um poeta cujo *habitus* estava em consonância plena com o seu tempo. A sua pretensão maior era a de que a vida e os versos do poeta (isto é: a dedicação de Camões à *virtù*) tinham precedência sobre o rito de consagração de símbolos da pátria. A sua convicção magistral é a de que um texto contínuo ligava onexo e a precisão formais dos poemas de Camões a uma defesa intransigente de proposições éticas humanistas.

Por isso mesmo, insistia Sena, competia ao camonista dar testemunho do que fora Camões no seu tempo e do que era Camões no nosso, utilizando, para tanto, muitas técnicas de decifração e muitas evidências diferentes, disciplinadamente modeladas por um rigor escolar implacável. A putativa superioridade e a autorrealização do método de análise literária que ele mesmo

desenvolveu dependiam justamente da motivação para obter o máximo alcance e a máxima profundidade, mesmo que o rigor sofisticado por vezes compactuasse com dramatizações autobiográficas e especulações esotéricas, por vezes excessivamente desinibidas. Adepto das sistematizações totais e dos escrutínios monumentais, Sena caracterizava a sua metodologia como uma abordagem dialética compreensiva, onto-sociológica, textocêntrica e antibiografista (AGUIAR E SILVA, 2009, p. 101-110).

Tomando por tema o primado de que forma e conteúdo se iluminam reciprocamente, a sua prática consistia, fundamentalmente, em combinar uma erudição bizantina de âmbito comparatista, ocasionalmente elevada ao nível de uma neurose acumulativa, com a apresentação e discussão dos resultados objetivos de um inquérito estrutural de base estatística, ocasionalmente elevado ao nível de uma neurose aritmosófica. Isso permitia-lhe operar um conjunto disciplinado de reduções do sentido da obra de Camões, por vezes subversivas e frequentemente surpreendentes, de maneira a conseguir deslocá-lo das rasas planícies do patrioteirismo para os cumes desmesurados do humanismo transcendente que a sua poesia representa.

Em grande medida, o tom ativo e recetivo das suas reflexões camonianas pronuncia uma homenagem eloquente ao homem e à obra. Para efeitos práticos, podemos por isso considerar Jorge de Sena como um nomeado curador do museu camoniano. Por meio de uma substituição das nostalgias e das totalidades convencionalistas dos seus antecessores, Sena promoveu a transferência de Camões do museu provinciano de um país orgulhosamente só para o museu cosmopolita do maneirismo europeu, orgulhosamente cosmopolita. Se, através da erudição e da audácia intelectual, Sena desarticulava a estátua clássica de Camões era justamente para poder rearticular os fragmentos num outro mapa expositivo, rejuvenescido e mais útil, no qual a cultura quinhentista e seiscentista europeia surgia, incondicionalmente, sob a dinâmica de uma série de vasos comunicantes. Penso que esta analogia ajuda a esclarecer a natureza redentora dos seus esforços colossais para organizar e catalogar a coleção camoniana a partir do armazém a que os poemas tinham sido votados, nomeadamente no que diz respeito à questão da autoria. Os seus estudos filológicos e estruturais sobre a épica e a lírica do Príncipe dos Poetas das Espanhas, exaustivos, inovadores e profundamente seguros de si, entregaram-se à tentação de demonstrar que a obra de Camões configurava a instância de maior ambição e elevação artística que a literatura portuguesa tinha conhecido e com a qual se media na literatura de todos os tempos.

A hostilidade do meio académico com um curador tão independente não se fez esperar. Era tão lícito a Sena tomar aos ombros a tarefa de dar outro rosto e outro sentido ao monumento camoniano, como era lícito aos camonistas negligenciar as descrições excêntricas que ele propunha da estátua institucional de Camões, que eles mesmos só tiveram autorização para representar ao cabo de uma série de rituais académicos de aprovação e socialização custosos. As dúvidas e as suspeitas sobre o seu trabalho determinaram mais a sua fama do que a modernização

a que submeteu os estudos camonianos, cuja plausibilidade e importância, ainda que ao preço de falhas ocasionais, acabou por escapar a muitos. À semelhança de muitos emigrantes que regressam ofuscantes para as férias de verão e despertam a inveja dos que ficaram, Sena foi maltratado em Portugal. Mesmo que nunca faltassem editores interessados nos muitos livros que ia produzindo, mesmo que um grupo seleto de admiradores o elevasse a patrono poético da sua geração (como os intelectuais reunidos em torno de *O Tempo e o Modo*, por exemplo, que lhe dedicaram um número especial em 1968), não há como não denunciar que muitos dos seus livros foram desfigurados e abertamente hostilizados pela crítica e pelos júris dos prémios literários.

Essa animosidade em relação aos seus livros deu-lhe argumentos sólidos para que se queixasse formalmente de uma comunidade de intelectuais que não lhe reconhecia o mérito devido. A sua atitude persistente, em relação a esses estímulos negativos, foi a de um “sobranceiro desdém” (MATOS, 1972, p. 59), com que desqualificou a literacia cultural e as competências matemáticas dos ocupantes das cátedras camonianas. Presenteando-nos com uma versão alternativa de *Os Lusíadas* (segundo a qual o poema simboliza o caminho esotérico da Redenção Humana), Sena argumenta que a melhor maneira de lidar com a obra de Camões passa por admitir que tudo o que está lá escrito é intencional e por articular complexas e eruditas relações com a mundividência do poeta que os escreveu, e não por convertê-los, à custa de leituras impressionistas e culturalmente mal informadas, no instrumento apologético do patrioteirismo lusitano que eles, por si, nunca foram. É este protesto, declarado pela primeira vez pelo jovem engenheiro Jorge de Sena na conferência “A Poesia de Camões – ensaio da revelação da dialéctica camoniana”, lida em 1948 no Clube dos fenianos portuenses e publicada três anos mais tarde, que, num sentido lato, anima como uma luz bruxuleante o monumental conjunto de livros que Sena escreveu sobre Camões ao longo de trinta anos de exaltação crítica. Em decorrência, ao declarar-se, como sempre fez, como uma instância da cultura portuguesa, Sena parece querer livrar-se, sem qualquer relutância, do “patriotismo rasca”, que violentamente rejeita (SENA, 1978, p. 27), abandonando-o, não por outra metáfora identitária, mas pela intuição de que ser “português” implica aceitar, com uma pitada de cinismo, que não há fim possível para a batalha Camões *versus* Portugal.

Diabolicamente, os motivos cínicos e a autoconfiança dos textos de Jorge de Sena expõem-nos a várias respostas para qualquer pergunta, mas a sua melhor resposta para a pergunta com que abri este ensaio, “Por que razão preferimos viver fora de Portugal?” – no sentido de ser uma resposta congruente com o modelo mito-dinâmico de Luís de Camões e também com a tarefa central do esforço crítico de Sena –, é que viver no estrangeiro garante o mínimo de independência a quem queira dispor da liberdade suficiente para testemunhar o que o mundo nos pode dar a conhecer. Ou seja, Jorge de Sena dá a esta pergunta uma resposta camoniana, aproveitando os seus trabalhos sobre Camões precisamente para argumentar em sua defesa. Que não é aliás uma posição original, mas uma coisa que as legiões de emigrantes portugueses

conhecem há muito: optar por viver no estrangeiro, em lugares que nos aceitem com a bagagem que conosco trazemos, ainda que nos exponha ao ar frio do exterior e a situações aflitivas, frequentemente é uma boa maneira de escapar ao desconcerto do mundo e irmos, pelos nossos pés, em demanda da nossa própria transcendência.

II

A noção de “português” que Sena procura camonianamente forjar tem, portanto, um sentido idiossincrático, densamente entretecido no repertório humanista de Camões e duplamente distante do sentido que quotidianamente utilizamos. Isso pode até colocar-nos, de resto, numa situação um tanto incómoda. Por um lado, a noção de Sena obviamente não reflete o sentido que “português” assumiu na filosofia política salazarista, esse patético híbrido de populismo e providencialismo que se dedicou a combinar o imaginário camoniano com o catecismo católico. Por outro lado, também não reflete o uso rotineiro que dele faz muito discurso culturalista contemporâneo, que, muitas vezes a um nível pré-sintático, transforma qualquer convicção identitária em motivo preferencial para ironias, paródias e dispositivos ativistas e edificantes de teor não menos identitário que o alternativo. Para Sena, ser ou não ser português não depende propriamente de se concordar com as premissas imperiais de uma história pensada como uma sequência de agressões imperialistas. O tipo de coisa que Sena quis fazer, e para a qual deu o melhor de si, e não apenas no caso de Camões, foi solicitar modos de decifrar, mapear e interpretar um elenco de livros e de momentos históricos importantes (ou, pelo menos, que ele achava importantes) para desencadear uma bateria de contra-ataques epistemológicos e morais, visando pulverizar a atitude com que os portugueses, sobretudo a partir do romantismo mas não só, começaram a coagir as representações do idealismo humanista de Camões a corolários católicos e imperialistas que o cantor de *Os Lusíadas* nunca alimentara.

Ainda que as marcas congénitas do colonialismo português encontrem crédito em algumas das estâncias mais citadas de *Os Lusíadas*, Sena sentia-se suficientemente livre para constatar que todos os versos camonianos estavam abertos à interpretação e, mais importante ainda, que todos requeriam que o leitor erguesse o papel no ar para o inspecionar a contraluz, tentando adivinhar nas entrelinhas a intenção que o poeta, em tempos que o recomendavam, preferiu encobrir de olhares inconvenientes. Penso que o facto de Sena se ter dedicado com ânimo possante aos estudos sobre Camões foi consequência, em grande medida, do modo como a lírica e a epopeia tinham potência suficiente para funcionar como dispositivo central de um retransmissor que operava em banda larga sobre a cultura e a filologia portuguesas.

Para além de preferências pessoais e paixões edipianas, o seu interesse ritual em Camões pode explicar-se, nesse aspeto decisivo, pela maravilhosa oportunidade que lhe deu de sublevar, quase sempre na forma de uma ação unilateral, uma nova *intelligentsia* contra as gerações anteriores, apresentando-lhe os “resultados” da aplicação aos versos de Camões de um “método

rigoroso” de descrição e exegese, que os considerasse, como anteriormente ninguém os tinha considerado, sob perspectivas linguísticas e sociológicas inovadoras e em horizontes transnacionais e intermediáticos. Observe-se como esse propósito surge perfeitamente enunciado na seguinte passagem:

Um quarto de século servindo à cultura dos outros ensinou ao autor alguma coisa. Mas ensinou-lhe igualmente que só o outsider está em condições de pertencer à comunidade dos mortos que estão vivos, e não à dos vivos que estão mortos. Quem está de dentro como o bicho da fruta, morre com a podridão que provoca (SENA, 1963, p. 13).

Este trecho pertence ao parágrafo final do prefácio que Sena antepôs aos textos do volume *Estudos de História e Cultura*, de 1963, publicado a meio do seu período brasileiro e reunindo cinco estudos históricos, maioritariamente sobre questões peninsulares dos séculos XV e XVI. É instrutivo constatar, por exemplo, que, embora Sena participasse animadamente em discussões eruditas desenvolvidas em círculos literários, históricos e políticos portugueses, até certo ponto ortodoxos, nenhuma das suas intervenções nessa conversa estava refém de problemas delimitados, geografias etnocêntricas ou patrioteirismos sebastianistas.

Para citar apenas um exemplo, um título como *Exorcismos* (1972), coletânea de poemas que evoca as misérias do Portugal nas vésperas da revolução de abril, expressa em termos abertamente programáticos o âmbito terapêutico da sua participação no mundo literário. O projeto de esconjurar os “bichos de fruta” da cultura portuguesa obriga a pôr em causa a validade das representações oficiais e a levantar o pano sobre outro arranjo cenográfico. Sena fala muito de Portugal e dos portugueses, mas, ao contrário de larga porção dos seus conterrâneos, ele não via a Europa, nem sequer a América – designação que inclui tanto os Estados Unidos como o Brasil, onde viveu antes de se mudar, em 1965, para o Wisconsin – como um país estrangeiro. Muito pelo contrário, ele gastou grande parte do seu tempo útil a tentar estilhaçar o tipo de posições dogmáticas que “aos mortos que estão vivos” nada dizem, e que “os vivos que estão mortos” provincianamente insistem em operar como distinções culturais.

Como observa Vítor Aguiar e Silva (2009, p. 79-81), o método onto-sociológico de Sena foi influenciado por um conjunto de teorizadores e críticos literários do começo do século XX – como Leo Spitzer, Ernst Robert Curtius, Amado Alonso, Roman Jakobson, entre outros – que promoveram uma cientificização da atividade crítica por meio de métodos formalistas, estruturalistas e hermenêuticos. Articulando as suas respostas a Camões e aos outros escritores portugueses num vastíssimo quadro descritivo de natureza dialética e comparativa, que podia – e no seu entender devia – levar a cultura portuguesa à ambição de iluminar-se *diferentemente* e em paralelo com as culturas que lhe eram adjacentes. A utilidade do seu trabalho dialético e da sua reabilitação da erudição dependia, portanto, de operar no âmbito de um discurso de orientação moral para uma cultura despojada da sua própria situação num sistema histórico peninsular e europeu. Sena supunha que a reformatação da consciência que resultaria da regra

de sobrepor e comparar diferenças – e, portanto, o novo museu camoniano que daí emergisse – se convertesse numa chave para a resolução dos problemas práticos do país.

Compreende-se, por isso, que Jorge de Sena tenha passado a vida toda a tentar sobretudo “elucidar, corrigir, desmentir, analisar” aspetos da vida literária e cultural portuguesa, expondo-os ao teste dos estudos comparados e a modelos racionais de análise e determinação do sentido que motivara os esforços e a imaginação de Camões. Em consequência, residem na assunção (um pouco autoindulgente demais, mesmo tendo em conta toda a animosidade de que foi vítima) de um fosso entre ele e os outros tanto o seu humanismo utópico como a sua percepção amargurada do desconcerto do mundo. A descrença nos seus companheiros, como se sabe, não é menos camoniana do que a purificação do desejo humano por meio do filtro humanista e enciclopédico. A intuição de que o fosso, em vez de estreitar, alargava, já explícita no prefácio ao volume de estudos históricos e culturais que acima citei, retornou vezes sem conta nos seus poemas, narrativas e ensaios, geralmente sob a máscara do exílio e do corpo sujeito a perseguições e martírios intelectuais. De qualquer modo, o facto de estar imune ao panegírico nacionalista a que o espírito patriótico de várias épocas submeteu Camões deixou-o livre para fazer com os seus poemas coisas muito distintas das que eram moeda corrente entre os estudiosos portugueses e arriscar um “método global de investigação crítica” diferenciado, baseado na dialética que primitivamente esboçara na conferência do Porto.

O ensaio sobre a estrutura de *Os Lusíadas*, que Maria Vitalina Leal de Matos compreensivelmente descreveu como o “delírio interpretativo e arquitetónico de J. de Sena” (MATOS, 1972, p. 62) é o paradigma do horizonte de possibilidades admitido pelo método singular de Sena, capaz de atribuir sentido macroestrutural a curiosidades numéricas que qualquer não-iniciado naturalmente menosprezaria. Sabemos que a maior parte das obras de crítica tem fatalmente vida curta. Mesmo sendo indiscutível que muitas das páginas de *Uma Canção de Camões* e de “A Estrutura de *Os Lusíadas*” não apresentam já o carácter “informado” e “inovador” de quando foram publicadas, em pleno apogeu dos métodos estruturalistas, e, embora o estilo polémico se mantenha intacto, o facto de se ter reservas em relação ao valor probatório dos seus modelos de interpretação (AGUIAR E SILVA, 2009, p. 129) dissimula as “iluminações” de clara agudeza que Sena não raramente acomodou de maneira enviesada em intermináveis e pretensiosas digressões de rodapé. Arrolados ao ceticismo epistemológico das últimas décadas, dispomos hoje de uma série de argumentos para defender que há melhores maneiras de entrar em contacto com os textos de Camões e desenvolver uma crítica textual rigorosa do que comboiar pacientemente através de exaustivos quadros histórico-genealógicos, sistematizar análises estatísticas dos esquemas de rimas dos tercetos, em cotejo com Petrarca e poetas peninsulares do seu tempo, ou aglomerar uma sequência de especulações estatísticas numerológicas, progressivamente mais sofisticadas e criativas, até trazer para a luz a estrutura crítica de *Os Lusíadas*.

Em todo o caso, a vida íntima dos livros de Sena sobre Camões depende, em termos

decisivos, da lealdade ao Príncipe do Poeta das Espanhas, a esse “Camões autêntico e inteiramente diferente do que tinham feito dele: um Camões profundo, um Camões dramático e dividido, um Camões subversivo e revolucionário, em tudo um homem do nosso tempo [...] que não obedece a nada nem a ninguém senão à sua própria consciência” (SENA, 2011b, p. 327), como nos disse o próprio Sena no célebre discurso da Guarda, em 1977, em que se esbodem as distinções entre a situação de Sena e a de Camões ao ponto de dar a ideia de que estão expostos lado a lado na mesma parede do museu. Os seus estudos, visando o estabelecimento de um cânone básico camoniano, procurando solucionar alguns dos problemas de crítica textual mais discutidos, bem como recomendar modelos objetivos para aferir atribuições de autoria e critérios de fixação de texto, são um dos melhores exemplos da sua inclinação para a curadoria do legado camoniano.

É essa lealdade a Camões que lhe permite pensar o qualificativo “português” não como a comunidade dos portugueses natos ou dos nascidos filhos de pais portugueses, cuja constituição é acidental, mas como a consciência identitária que possui a estrutura de *exemplum* em relação ao modo como devemos circular nos museus pátrios. Para Jorge de Sena, tanto se lhe dava que a data 22 de abril de 1500 assinalasse o dia em que os portugueses descobriram os índios brasileiros ou o dia em que os índios brasileiros descobriram os portugueses. Ele não vê a obra de Camões como um relatório da participação e do êxito dos portugueses na história da globalização terrestre, mas como um relatório da aventura mística de conhecimento realizada por Luís Vaz de Camões, que projetou no espaço redondo que se abria no alto-mar o desejo de alargar a liberdade humana. Grande parte da obra poética e crítica de Sena lê-se precisamente como um longo comentário à convicção de que *tornar-se português* pressupõe a ação de contrariar as rotinas de origem e assumir num plano vital o estatuto do *outsider*.

Deste ponto de vista, o estatuto de “português” a que Sena se agarra apresenta-se, portanto, como o púlpito onde o escritor residente no exterior – o *outsider* – pode assentar arraias e formular ao longo de milhares de páginas uma ética do pensamento do extremo ou, se preferirmos invocar uma palavra pouco usada nos nossos dias, para gerar um “arrebamento” propiciador de uma ação mediática de longo alcance. Os métodos de análise estilística a que submeteu o mundo de Camões, e que tantas autoridades da época acharam ofensivos, deram-lhe justamente a possibilidade de desviar o terreno de combate e o leque de armas a escolher, resolvendo algumas controvérsias, impondo outras, mas, acima de tudo, reabrindo, para novo exame e discussão, os arquivos do processo camoniano. O mesmo posso dizer, embora com mais reservas, em relação ao uso que Sena faz de termos como “emigrante” ou “estrangeiro”, que, frequentemente, mais do que referências concretas àqueles que saem do seu país para procurar uma vida melhor noutras paragens e preservam um etnocentrismo marcado, traduz a situação particular em relação ao clima político ou cultural do seu país de intelectuais para quem o dever de racionalidade e as responsabilidades sociais os obrigam, para falar com Isaiah Berlin, ao gesto progressista, subversivo ou não, de “tomar partido pela decência humana contra a crueldade, a hipocrisia, a injustiça e a desigualdade” (BERLIN, 2006, p. 151).

III

Quando Sena usa a palavra “português” é com o objeto de se implicar a ele mesmo (e implicitamente recomendar a outros que optem por idêntica atitude) na aceitação abnegada de um conjunto de crenças e palavras de ordem, sob as quais o indivíduo, em pleno uso da sua liberdade, fosse capaz de estar em condições de ser agonicamente exposto a pontos de vista pluralistas e a uma codificação humanista do mundo. É precisamente este complexo de atitudes sobre os nossos eventuais desejos de identificação identitária que encontramos no conjunto de textos sobre a vida nos Estados Unidos, escritos por Jorge de Sena ao longo da sua última década de existência e editados postumamente por Mécia de Sena e Jorge Fazenda Lourenço em *América, América*, de acordo com um plano antigo do escritor. Que tipo de qualidades, ou que tipo de diferenciação, em suma, Jorge de Sena procura reconhecer e descrever naqueles que, “por baixo” ou “por cima”, se decidem a morar fora do seu país?

Proponho que partamos do que sobre isso se revela numa carta, datada de 18 de abril de 1978, dirigida a Agostinho Almeida, leitor português recém-contratado na Universidade Vanderbilt, destinada a apaziguar as queixas que o colega, em carta anterior, fizera a respeito do tratamento desfavorável que os colegas do departamento lhe reservavam, suponho que por questões de sotaque europeu. Depois de discorrer sobre a história e a situação dos estudos de português nos EUA e recomendar serenidade e paciência ao jovem leitor, Sena previne o seu interlocutor sobre os perigos de um campo de visão delimitado por projeções narcisistas:

Quero crer porém que o meu Amigo está a sofrer uma crise de adaptação, que tem também raízes no egocentrismo lusitano, que a gente descobre no estrangeiro ser a mais insensata das coisas, uma vez que o largo mundo só vagamente sabe que a gente existe, desde que se fala na Revolução de Abril, e olhe lá... Medite sinceramente nisto, que, ainda que nos doa, tem de ser tomado em conta. (SENA, 2011, p. 132)

Para aconselhar, logo abaixo, em tom empático, mas inequivocamente recriminatório: “Lembre-se de que o Brasil realmente existe, é uma prodigiosa cultura, e Portugal não se pode permitir o luxo de o ignorar” (SENA, 2011, p. 132). O que é como quem diz “o problema não está no meio, mas em si: se quer sobreviver, adapte-se”. Ora, nesta breve condescendência paternalista, escrita ao correr da pena numa carta pessoal, que os editores, providencialmente, acharam por bem acrescentar a uma lista de textos de natureza distinta (conferências, mensagem a congressos, artigos de opinião, prefácios introdutórios a livros de outros autores), está sintetizado com estimável clareza o que de mais significativo Jorge de Sena tem para nos dizer sobre a experiência de viver no estrangeiro: se mais não for, é a ocasião oportuna para elaborarmos melhores descrições das nossas noções e perspetivas identitárias.

Neste ponto, a presença fantasmática de Camões na cosmovisão de Sena torna-se manifesta e esclarece-nos as razões pelas quais a noção de exílio, no sentido habitual de desterro da terra pátria por motivo de perseguição política ou insuficiência económica, não conta a história toda

sobre a Grande Peregrinação do autor de *Peregrinatio Ad Loca Infecta* por Portugal, pelo Brasil e pelos Estados Unidos. Este novo ângulo, se não altera grande coisa a situação de Jorge de Sena como um escritor residente no estrangeiro, muda, todavia, a natureza do problema. A meditação de Sena sobre a vida no estrangeiro tem a consequência psicopolítica de que sair do país equivale a saltar para o barco de Camões, transpondo, como fez o poeta, uma narrativa literária para uma narrativa biográfica por meio de uma iniciativa unilateral. Independentemente do tipo de contingência que possa despoletar a viagem, Sena pressupõe que a transitividade identitária e o sentimento de empatia fazem parte da política cultural estimulada pela emigração, desde que os emigrantes não se fixem em nostalgias folclóricas e aceitem imigrar nas novas culturas.

A sua teoria de emigração vê-se, portanto, num primeiro momento, como uma teoria sobre o valor do empirismo na reformulação do paroquialismo cultural. Isto é, como uma promessa para o futuro em vez de uma retrospectiva apologética do passado. Dizer que saltar para o barco de Camões, tal como preconizado por Sena, traduz uma responsabilidade desse tipo parece-me incontroverso. “Ser-sujeito”, como sustenta Peter Sloterdijk, “significa tomar uma posição a partir da qual um actor pode passar da teoria à prática” (2005, p. 65). Segundo Sena, preferir viver fora do país sinaliza precisamente a tomada de posição que permite que cada um de nós possa fazer um tour esclarecido pelos artefactos do museu humanista que a vida e a obra de Camões, para nosso benefício, foram capazes de reunir. Por outro lado, a tomar pelas suas declarações e pelo volume de correspondência que produziu e recebeu, a maior dificuldade que ser imigrante, em especial nos Estados Unidos, lhe punha era a diminuta tendência dos americanos para o convívio social, sem o qual Jorge de Sena não concebia uma vida livre e significativa, símbolo máximo das suas aspirações. Ora, como nos lembra Byung-Chul Han, o conceito de liberdade remete, etimologicamente, para uma questão de coexistência: “*ser livre significa estar entre amigos*” (HAN, p. 12). Por isso, como sucede com quaisquer outros imigrantes que encontram disponíveis no Novo Mundo as dádivas e os patrocínios que o Velho Mundo lhes recusava, talvez se possa afirmar que foi precisamente a situação topológica de Jorge de Sena a disponibilizar-lhe os meios necessários para parafrasear o isolamento a que o votara a sua independência radical numa tremenda desinibição crítica e criativa capaz de o colocar, de viva voz, entre os seus amigos.

Quanto a mim, essa vontade de liberdade intrínseca, que ele via como imanente à condição humana, era uma razão prosaica para Sena preferir viver no estrangeiro. Medindo-a pelo *pathos* de Camões, Sena enquadra a decisão individual de emigrar nos termos de uma filosofia da história apta a redescrever os ideários nacionalistas com o argumento de que “isto de espalhar-se pelo mundo, por certo que foi sempre o mais natural de Portugal [...]. O menos comum, ou menos numeroso, foi sempre o ficar de flor ou de batata no Jardim da Europa” (SENA, 2011, p. 90). Por isso, compreende-se que Sena tenda a ver a emigração como uma forma de embriologia. Podemos encontrar uma boa ilustração desta ideia em “Noções de linguística”, um dos mais interessantes poemas de Sena sobre o tema da emigração, incluído no

já mencionado *Exorcismos*, que vale a pena transcrever na íntegra:

Ouço os meus filhos a falar inglês
entre eles. Não os mais pequenos só
mas os maiores também e conversando
com os mais pequenos. Não nasceram cá,
todos cresceram tendo nos ouvidos
português. Mas em inglês conversam,
não apenas serão americanos: dissolveram-se,
dissolvem-se num mar que não é deles.
Venham falar-me dos mistérios da poesia,
das tradições de uma linguagem, de uma raça,
daquilo que se não diz com menos que a experiência
de um povo e de uma língua. Bestas.
As línguas, que duram séculos e mesmo sobrevivem
esquecidas noutras, morrem todos os dias
na gaguez daqueles que as herdaram:
e são tão imortais que meia dúzia de anos
as suprime da boca dissolvida
ao peso de outra raça, outra cultura.
Tão metafísicas, tão intraduzíveis,
que se derretem assim, não nos altos céus,
mas na caca quotidiana de outras. (SENA, 1978, p. 147)

Observando, não sem certa amargura, que os filhos, simplesmente pela contingência de viverem na América, iam, como quaisquer outros imigrantes, paulatinamente substituindo o português nativo pelo inglês local, Jorge de Sena apresenta-nos uma breve, mas límpida, história natural da emigração e das políticas culturais alternativas que esta engendra por meio

da perda da aura etnocêntrica e da substituição pragmática de umas tradições por outras. Talvez, no fundo, aquilo que Sena nos ensina sobre “as razões pelas quais se emigrou e emigrante se continua” (SENA, 2011, p. 146) através do exemplo de Camões seja simplesmente o facto de que fazer novos amigos e aprender novas línguas nos leva a olhar com olhos mais livres para os objetos expostos nos nossos museus pátrios e para o modo como os sentidos desses objetos e os conceitos de sujeito que produziram foram instituídos e cristalizados na psicopolítica das comunidades portuguesas.

Numa palavra: Portugal só pode ser contemplado *fora de si mesmo*. Portanto, ler a obra de Sena, como ler a de Camões, deveria induzir-nos mais ao projeto de fundar um Museu Nacional da Emigração, com filiais em várias regiões de Portugal e um arquivo multidirecional (focado em contar a história de outra maneira e em formas alternativas de democracia), do que ao hipotético projeto de um Museu dos Descobrimentos, sediado em Lisboa e simplesmente votado ao paroquialismo lusitano. Em certo sentido, é justamente isso que Sena argumenta no último texto que escreveu, intitulado “As tradições mudam” e preparado, poucos dias antes da sua morte, como conferência de abertura do I Simpósio sobre as Tradições Portuguesas, realizado na UCLA no início de junho de 1978:

Esses portugueses podem não saber muito acerca do seu próprio país ou da sua própria História, mas sabem – e sobretudo no nosso caso aqui – o que é viver em ilhas, olhando para o mar e as terras para além dele, e sonhando ser alguma coisa sem perder os laços com aquela aldeia que por séculos, desde as descobertas, foi o seu país, uma parte de um outro em que tantos filhos dessas ilhas representaram, em todos os domínios, os maiores papéis. (SENA, 2011, p. 170).

Referências

AGUIAR E SILVA, Vítor. **Jorge de Sena e Camões. Trinta anos de amor e melancolia**. Coimbra: Angelus Novus, 2009.

BERLIN, Isaiah. **O Poder das Ideias**. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Lisboa: Relógio D'água, 2015.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. Jorge de Sena e os números de «Os Lusíadas». **Revista Colóquio/Letras**, n.º 5, Jan. 1972, p. 58-63.

PICCHIO, Luciana Stegagno. O Camões de Jorge de Sena. In S/A: **Jorge de Sena vinte anos depois**. Lisboa: Cosmos, 2001.

SENA, Jorge de. **Estudos de História e de Cultura**. Lisboa: Edição da Revista Ocidente, 1963.

SENA Jorge de. **Dialéticas Aplicadas da Literatura**. Lisboa: Edições 70, 1978.

SENA, Jorge de. **Poesia III**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

SENA, Jorge de. **A Estrutura de «Os Lusíadas» e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI**. Lisboa: Edições 70, 1980.

SENA, Jorge de. **América, América**. Lisboa: Guimarães, 2011.

SENA, Jorge de. **Rever Portugal**. Lisboa: Guimarães, 2011b.

SLOTERDIJK, Peter. **Palácio de Cristal**. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.